

GÊNERO, CURRÍCULO E ESCOTISMO: A CHEGADA DAS MULHERES NO MOVIMENTO ESCOTEIRO¹

Zilana Teixeira Marcelino²
Vândiner Ribeiro³

INTRODUÇÃO

Meninos com “gravatinhas” coloridas; “vendedores de biscoito”; um jovem que ajuda a velhinha a atravessar a rua ou é disciplinado por possíveis orientações militares; personagem que faz de tudo para ganhar uma medalha de mérito por ajudar um idoso. Essas são algumas das representações de um escoteiro que podem ser identificadas, por exemplo, no desenho animado “UP- Altas aventuras” (2009).

Via de regra, quando fala-se em Movimento Escoteiro ou Escotismo, pensa-se em um menino, e muitas vezes não se leva em conta (ou não se sabe) que as meninas também estão lá nos Grupos Escoteiros que optam pela coeducação - “sistema em que o processo educativo é aplicado com a participação de membros juvenis de ambos os sexos, compartilhando atividades, normas, decisões e tarefas” (UEB, 2013, p.173).

Este trabalho versa sobre a chegada da presença feminina no Escotismo, em 1909, antes unicamente masculino, e que em 2018 somou 40.683 associadas (crianças, adolescentes, jovens e adultas), perfazendo pouco mais de 38% do total dos 107.040 associadas/os no Brasil, segundo o relatório Anual 2018 (UEB, 2018). Dentro deste montante, observando apenas membros na faixa etária entre 6,5 e 21 anos, ou seja, membros juvenis foco do Programa Educativo do Movimento Escoteiro, o relatório mostra que o número de meninas perfaz pouco mais de 50% do total de meninos dentro da mesma faixa etária demonstrando que, apesar de um bom número de mulheres, o Movimento Escoteiro no Brasil ainda é majoritariamente masculino.

Com interesse nessa inserção das mulheres no Movimento Escoteiro, este trabalho se propõe a contextualizar esse episódio. Trata-se de um recorte de outra pesquisa em curso, para o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sobre as relações de gênero estabelecidas por meio da coeducação no currículo de um Grupo Escoteiro na cidade do Natal - RN. Nesse recorte, apresentamos os achados na pesquisa bibliográfica realizada no início do estudo e no levantamento de dados para a contextualização do objeto a partir de material publicado, livros, artigos de periódicos, dentre outros disponível na internet.

Esse trabalho também busca apresentar conceitos centrais para a pesquisa, como currículo e gênero, a fim de compreender as questões levantadas com a entrada das mulheres nesse movimento pensado para rapazes. Utilizamos concepções de currículo em sua vertente pós-crítica, concebendo que nenhuma teoria é “neutra, científica ou desinteressada [mas] está, inevitavelmente, implicada em relações de poder” (SILVA, 2015, p.16), e gênero como uma ferramenta analítica e política, “com um forte apelo relacional — já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros” (LOURO, 1997, p.22). Assim, apoiando-se em

¹ Recorte de pesquisa de mestrado financiada pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: zilanamarcelino@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: vandinier@gmail.com - Orientadora

autores que propõem discussões sobre currículo e gênero, voltamos os olhos para as mulheres no Movimento Escoteiro.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Movimento Escoteiro surge em 1907 com foco em rapazes de Londres, fundado pelo general inglês Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (1857-1941) e propunha um novo modelo de educação para os jovens, que não tivesse uma conotação formal, a partir de práticas ao ar livre.

Observando a mobilização juvenil em torno das instruções apresentadas no livro “Ajudas à Exploração Militar” (*Aids To Scouting, 1899*) de sua autoria e escrito para militares, Baden-Powell organiza um acampamento para pôr em prática atividades pensadas especialmente para os jovens, em estreito contato com a natureza. Desde então, suas ideias se espalharam pelo mundo e, segundo o site dos Escoteiros do Brasil, em 2019 o Escotismo está presente em 223 países e territórios em todo o mundo, somando 40 milhões de membros homens e mulheres, meninos e meninas.

O momento primeiro em que se pensou a inclusão de mulheres no Movimento Escoteiro foi em 1909, quando um grupo de moças apareceram publicamente vestidas de forma similar aos escoteiros. Elas se organizaram e, a partir de várias partes de Londres, chegaram ao Palácio de Cristal (Crystal Palace) - importante monumento Inglês -, onde acontecia o primeiro evento de demonstração de técnicas escoteiras com cerca de 11 mil meninos escoteiros e com a presença de Baden-Powell. Santos (2017) e Nascimento (2008) descrevem que ele foi surpreendido com a presença das meninas e questionou-as, recebendo como resposta que estavam ali porque eram escoteiras e queriam ser reconhecidas como tal, tendo a mesma oportunidade dos rapazes.

Ao organizarem-se para de várias partes da cidade partirem em direção ao evento com a intenção de reivindicar a também participação naquele grupo, inclusive já se nomeando “escoteiras”, pois assim se entendiam, essas meninas demonstraram uma agência regada por “enredos, planos e esquemas altamente conscientes; metas, objetivos [...], desejos, vontades e necessidades [...]” (ORTNER, 2007, p.52). Demonstraram um propósito e buscaram fazer valer um projeto anteriormente pensado e desejado, entendendo que era desigual não terem o direito de participarem do Escotismo.

A agência, a partir de Ortner (2007), é entendida como uma intencionalidade de ir em busca de realizar projetos. Tem estreita relação com ideias de poder, resistência, relações de desigualdade, assimetria e forças sociais. Além de capacidade de ação própria, a agência também se caracteriza por influenciar outras/os e tentar manter algum controle sobre os acontecimentos e sobre sua vida buscando “realizar coisas valorizadas dentro do contexto de seus próprios termos, suas próprias categorias de valor” (ORTNER, 2007, p.66).

A atuação das meninas nesse evento foi determinante para a inclusão das mulheres no Escotismo e a criação do Guidismo, ou Bandeirantismo como ficou conhecido no Brasil. Elas influenciaram outras moças a pleitearem a participação nesta proposta educativa diferenciada e receberam o nome *Girl Guides* - Meninas Guias, alusão às/aos que vão à frente do grupo e abrem caminhos, bem empregado, se observada a atuação das primeiras garotas que buscaram inserir-se no Escotismo. No Brasil ficaram conhecidas como Bandeirantes, também com significado semelhante: pessoa que vai adiante, que se antecipa às/aos outras/os.

Um currículo para as meninas e um currículo para os meninos

Nas primeiras décadas do século XX as mulheres pouco saíam dos seus lares. Apenas no final do século anterior elas puderam estudar para além do ensino primário. À época achava-se que qualquer “atividade fora do espaço doméstico poderia [lhes] representar risco”

(LOURO, 2004, p.453) por serem frágeis, o que justificava toda a regulação sobre suas atividades dentro e fora de casa.

A solicitação das meninas de participar de atividades ao ar livre neste contexto, gerou conflitos pois não era crível que elas se envolvessem em práticas ditas culturalmente de meninos, havendo inclusive relatos de episódios em que foram xingadas e que precisaram fazer encontros a portas fechadas para evitar tumultos (SANTOS, 2017). Diante dessas especificidades, Baden-Powell propôs para elas um currículo coerente com o que estava posto na sociedade para as mulheres em época onde o lar era o espaço esperado para elas.

Currículo é entendido aqui como o resultado da escolha de um conjunto de conhecimentos e saberes, com objetivo de produzir sujeitos de determinado tipo (SILVA, 2015). Para alcançar tal objetivo, todo currículo carrega em si “alguma noção de subjetivação e de sujeito” (SILVA, 2002, p.38) para, a partir dos conteúdos selecionados, compor o tipo de sujeito desejado. Ou seja, o currículo pretende necessariamente transformar algo no sujeito, partindo do pressuposto que algo neste sujeito precisa ser alterado (SILVA, 2002).

O currículo do Guidismo partia dos mesmos princípios do Escotismo (valores, caráter e cidadania), porém com conteúdos diferentes. Enquanto o currículo pensado para os rapazes propunha conteúdos com atividades ao ar livre, disciplina, observação, saúde, cavalheirismo e salvamento, o currículo proposto para o moças mostrava a maior parte dos conteúdos voltados para atividades femininas (NASCIMENTO, 2008) ratificando “uma construção social dos papéis e uma construção simbólica do que seria a diferença de sexo” (MACHADO, 2014, p.16-17), diferenças essas também encontradas nas escolas no início do século XX.

Dessa forma, as claras marcas das diferenças desiguais de gênero nos currículos do Guidismo e do Escotismo, confirmavam espaços possíveis para homens e para mulheres naquele momento histórico e reforçando que a elas estava reservada “a esfera do privado, o mundo doméstico, como o ‘verdadeiro’ universo da mulher” (LOURO, 1997, p.17), enfatizando, assim, “papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995, p.75).

Gênero - Processo relacional, social, cultural e histórico

A palavra gênero é utilizada, por vezes, como sinônimo de “mulheres”, mas os homens também estão implicados nas relações de gênero (CONNELL, 2016). Enquanto processo relacional, gênero é imbuído de valores sociais e culturais, onde se demarca o que se entende por universo masculino e feminino (MANGUINHO, 2018) presentes de forma central em nossa vida social. (CONNELL, 2016).

Ao entender gênero pelo viés relacional compreende-se que o espaço ou qualquer informação sobre a mulher implica informação sobre o homem, isso porque um faz parte do mundo do outro e “o mundo das mulheres [...] é criado nesse e por esse mundo masculino” (SCOTT, 1995, p.75). Judith Butler (2003) reforça que essas relações de gênero se diferenciam nos diversos momentos históricos e Raewyn Connell (2016) alerta que o gênero está implicado em estruturas de poder, presente nos sistemas educacionais, envolvendo processos históricos e dialogando com o tempo.

O contexto histórico em que as moças mostraram seu interesse em participar do Escotismo, estava claro na sociedade as possibilidades para elas e o currículo proposto para as guias partiram de ideias escritas por um homem para homens. Logo, as práticas ali sugeridas presumiam esta relação entre o que elas podiam ou não fazer e o que para eles era possível.

Os estudos feministas e de gênero, partem do pressuposto que o lugar e as relações de homens e mulheres em uma sociedade não dizem respeito a seus sexos, e sim ao construído socialmente sobre os sexos (LOURO, 1997). São nestas relações sociais que “se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos” (LOURO, 1997, p.22) produzindo esses universos ditos masculino e feminino. Assim, por vezes, discursos produzem mulheres e homens de forma distinta ao apontar a sexualidade masculina e pessoas do gênero masculino

como ativas, agressivas e poderosas, enquanto a sexualidade feminina e pessoas do gênero feminino são as passivas, fracas e submissas (MOORE, 2015). Entretanto, Louro (1997) alerta que não são exatamente as características, mas como elas são representadas, valorizadas e difundidas que estabelecem o que é considerado feminino ou masculino em uma dada sociedade em cada época.

Essas características socialmente disseminadas em relação à diferença entre pessoas do gênero masculino ou do gênero feminino são notórias nas diferentes propostas nos currículo para os meninos e para as meninas no início dos anos de 1900, evidenciando o que os estudos de gênero apontam como diferenças reforçadas em dado momento histórico, de acordo com o que culturalmente era concebido como o aceitável.

METODOLOGIA

Buscando a contextualização do objeto de estudo e verificar o que já havia de produção com o tema da pesquisa, um levantamento foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica em impressos, livros, artigos de periódicos e material digital.

Foram analisados 5 periódicos especializados em educação⁴, considerando para a busca um período de 10 anos (2009-2019). A análise partiu das palavras-chave: Currículo, Gênero, Escoteiro e Escotismo buscadas separadamente nos títulos dos trabalhos dispostos em cada edição publicada e/ou nos resumos, incluindo nos achados títulos com palavra sinônima e/ou trabalhos que seguramente versavam sobre o Escotismo. Ainda analisamos trabalhos do Banco de Teses e Dissertações da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, utilizando as mesmas palavras-chave e mesmo período. Nesta plataforma as palavras-chave foram utilizadas agrupamentos de 2 a 4 como uma forma de refinar a busca.

Em ambas as buscas (em revistas e no banco de teses e dissertações), foi possível encontrar trabalhos com o tema Escotismo, seu método e aplicação na educação formal em disciplinas como geografia, química e educação física, por exemplo, ou versando sobre seu aspecto disciplinar e/ou conservador. Porém, evidenciou-se a pouca ou nenhuma produção sobre relação gênero e currículo no Movimento Escoteiro. Assim, com os dados encontrados e ausentes, partimos na construção de caminhos para contextualizar o objeto deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muito mudou em ambos os movimentos nesses mais de 100 anos de existência, assim como a sociedade e valores culturais. Entendemos que a cultura é um elemento dinâmico e imprevisível, onde padrões e tradições do passado são postos em movimento passíveis de mudanças históricas (HALL, 1997). Com o passar dos anos, gradativamente e com o advento da coeducação entre 1979 e 1985 (SANTOS, 2017), meninas e meninos que eram dispostas/os em movimentos distintos (Bandeirantismo para elas e Escotismo para eles) foram agregadas/os em atividades mútuas, resultando em movimentos mistos na atualidade.

Especificamente o Escotismo, palco desta pesquisa, conta com a maioria dos grupos escoteiros ativos operando com a coeducação. Os dados do Relatório Anual 2018 divulgado na página eletrônica dos Escoteiros do Brasil apresentam números expressivos do contingente total de mulheres no Movimento Escoteiro Brasileiro, possível porque, em 1909, um grupo de meninas proporcionou um movimento de pensamento que culminou na criação do Guidismo. No entanto, os homens ainda são maioria.

O currículo do Escotismo, como qualquer outro currículo, se propõe a ensinar determinados conteúdos e obter determinados resultados. Nos seus primeiros momentos, o Escotismo e o Bandeirantismo apresentavam currículos onde as características sexuais eram

⁴ As revistas analisadas foram: Revista educação, Revista educação em revista, Revista educação e realidade, Revista educação em questão e Revista currículo sem fronteiras.

evidenciadas por propostas claramente diferenciadas corroborando com o que se esperava para cada uma/um das/os suas/seus atrizes/atores diante da sociedade.

Apesar do inicial desconforto com o aparecimento das meninas em um evento voltado para os meninos escoteiros, a agência daquele grupo de garotas deu início a uma série de reflexões que buscaram adaptar o que já estava em prática para os meninos, rompendo com o instituído, vale ressaltar. No entanto, uma adaptação não era o suficiente e sim mudanças, resultando em um novo currículo, diferente do proposto para os rapazes, para dessa forma, evitar incômodos diante da sociedade.

Assim, esse novo currículo foi carregado de enquadramentos de conduta e cultura próprios daquele período histórico, quando predominava o entendimento de que o ambiente doméstico era o mais seguro para elas e que qualquer outra atividade externa ao lar necessitava de muito cuidado e controle para evitar danos à sua feminilidade e reforçando a delimitação dos papéis desiguais de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É compreensível que com as várias mudanças ocorridas na história recente em relação ao espaço da mulher na sociedade e suas lutas para uma igualdade de gênero, instituições diversas como a escola ou o próprio Escotismo, que são “generificados”, precisem se adequar às mudanças latentes, proporcionando, dentro de seus currículos, aprendizados relacionados a questões de gênero.

Assim, em um outro contexto histórico, nos anos de 2019, com um crescente número de jovens meninas atuantes do Escotismo, instiga-se saber como o currículo em prática está disposto, que conteúdos são propostos e o que ele ensina em relação a assuntos referentes a relações de gêneros, igualdade, diferenças.

A busca por estas e outras questões serão perseguidas durante a pesquisa que em curso sobre as relações de gênero estabelecidas por meio da coeducação no currículo de um Grupo Escoteiro na cidade do Natal - RN, da qual este artigo é um recorte.

Palavras-chave: Gênero, Currículo, Escoteiro, Escotismo.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Tradução Renato Viana.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016. Tradução: Marília Moschkovich.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p.15-46, jul./dez.1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

MACHADO, Lia Zanotta. Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 13-46, jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

MANGUINHO, Julyana Vilar de França. **Práticas feministas em contextos educacionais**. 2018. 205 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MOORE, Henrietta. L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu**, n. 14, p. 13-44, 1 jun. 2015. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635341/3140>. Acesso em: 28 mai 2019.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell**: cultura escoteira, associação voluntária e Escotismo de estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008. 352 p.

ORTNER, Sherry B. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, M; ECKERT, C; FRY, P. (Org.). **Conferências e diálogos**: saberes e práticas antropológicas. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007 p. 45-80.

SANTOS, Aldenise Cordeiro. **O Canto do Uirapuru**: mulheres no Movimento Escoteiro. Aracajú, SE: EDISE, 2017. 246 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Dr. Nietzsche, curricularista - com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: MOREIRA, Antônio Flávio; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. **Currículo, práticas pedagógicas e identidades**. Porto: Porto, 2002, p. 35-52.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 156 p.

UEB. União dos Escoteiros do Brasil. **POR - Princípios, Organização e Regras**. Curitiba, 2013. Disponível em: http://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2017/05/POR_2013_10.pdf. Acesso em: 18 abr 2019.

UEB. União dos Escoteiros do Brasil. **Crescendo e transformando**: Relatório Anual 2018. Curitiba, 2018. Disponível em: https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2019/06/relatorio_2018_01_final_issu1.pdf Acesso em: 21 jun 2019.

UP - Altas aventuras. Direção de Pete Docter. Produção de Jonas Rivera. EUA: Pixar Animation Studios, 2009. (96 min.). Distribuição Walt Disney Studios Motion Pictures.